

Rubem Braga

M 67
Redio 29.7.61
M 866
CMLA "Traição das B"

A NENHUMA CHAMARÁS ALDEBARÁN

EU vinha de não sei que tristes sonhos, nefastos pesadelos. Despertei, ansiado, no meio da noite, e olhando a escura parede senti que as imagens tórvas que me povoavam os olhos ainda tontos ali vagamente se moviam. Voltei-me, então, sôbre o meu flanco direito; a janela estava aberta para a noite. Era uma noite sem lua, que ciciava em árvores e murmurava em águas humildes; e uma grande estrêla brilhava.

Haveria outras, esparsas e pequenas, mas aquela era tão grande e cintilava com uma estranha palpitação; era tão distante, mas brilhava tão perto e tão para mim como se fôsse uma lanterna que mão amiga houvesse pendurado em frente à minha janela para me dar alento no fundo da treva. Eu vagara tanto pelo mundo que, ao despertar, não sabia em que leito, casa, país e tempo; e mesmo tinha de recompor minha idéia para lembrar se era feliz ou infeliz. Apenas senti que estava agora voltado para o Norte, e do fundo de meu coração saudei a estrêla com a palavra que me veio aos lábios: Aldebarán!

Lera essa palavra em velhos, cansados livros que falam de astros e mistérios do céu; mas somente agora percebia que era uma palavra mística, feita de muitas outras, querendo dizer, em antigas secretas línguas: a Nova Esperança, a Grande Amiga, o Esque-

cimento das Mágoas, a Alegria da Noite.

Aldebarán, Aldebarán! — disse eu, com estranho ardor, e foi como se a sua palpitação se fizesse mais fremente e pura. Então uma voz suave me disse, e era como se minha melancólica mãe ou, ainda mais distante, a minha irmã e madrinha me passasse a mão pelos cabelos: "Descansa, dorme em paz, Aldebarán é tua amiga; e como soubeste dizer seu nome ela é para sempre tua amiga; dorme em paz, homem da noite solitária e cruel e dos fatigados, tristes pesadelos; dorme. E se amanhã, na tua inquieta fantasia, quiseres dar êsse nome a algo que ames, podes dá-lo sem remorso à égua fidalga que no galope deixa que o luar lhe beije as negras crinas, ou à mais bela flor no pélagos marinho; e até podes chamar Aldebarán a uma nuvem que se doira no momento em que o céu, para o ocidente, já toma a côr da triste violeta; mas promete que nunca darás êsse nome, nunca, a nenhuma filha dos homens, por mais ansioso te faça a sua beleza peregrina."

Eu disse apenas, humilde: "Prometo."

E então, pela primeira vez em muitos e muitos anos de longas noites, eu pude adormecer sorrindo, porque meu coração era puro como o de um menino.